

Resenha

Corpo, conhecimento e sensibilidades

(STOLLER, Paul. **Sensuous scholarship**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.)

Marcos Alfonso SPIESS¹

Praticamente duas décadas se passaram desde a publicação de *Sensuous Scholarship* do antropólogo Paul Stoller, professor na *West Chester University of Pennsylvania* (EUA), e, no entanto, carecemos de uma tradução desta obra para o português. Diante disso, surge o questionamento: qual o sentido de resenhar um livro de língua inglesa publicado em 1997? A primeira razão, além de incentivar e auxiliar a leitura do texto ora resenhado, é buscar romper um pouco a barreira da linguagem que predomina no mundo acadêmico.

Mais do que isso, a principal razão se dá pela originalidade e perspicácia da proposta lançada por Stoller, a qual possibilita um diálogo interdisciplinar acerca da produção do conhecimento. Nesta obra, não apenas os métodos e técnicas cognitivas são ampliadas, mas a própria noção de conhecimento extrapola os muros acadêmicos e ganha novas dimensões.

Em *Sensuous scholarship*, Paul Stoller busca investigar e problematizar o papel das sensibilidades (sentidos e sensações) na construção do conhecimento. Ao enfatizar o papel da sensibilidade, Stoller coloca em questão a dialética entre o inteligível (*the head*) e o sensível (*the heart*). Apostando em uma inter-relação entre essas duas dimensões, o autor busca compreender como que a “experiência-no-mundo” vivenciada através do corpo é fundamental na construção do conhecimento que é produzido a partir da relação entre pesquisadores e pesquisados.

O livro também se mostra como uma crítica ao racionalismo que perpassa o mundo acadêmico. Contudo, é necessário frisar que a crítica de Stoller não se aparelha às críticas pós-estruturalistas e feministas. Estas também colocam o corpo como uma possibilidade de superação da produção de um conhecimento eurocêntrico e falocêntrico. Porém, para Stoller, ao compreender o corpo como um texto ou como

¹ Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (Curitiba, PR). Bolsista CAPES.
E-mail: spiess.spiess@gmail.com

linguagem, os pós-estruturalistas e feministas acabam reforçando a oposição entre corpo e mente.

Dessa forma, o objetivo de *Sensuous scholarship* é redescobrir no corpo uma relação entre o inteligível e o sensível, sendo esta relação constitutiva das práticas e das representações acadêmicas (STOLLER, 1997, p. xv). Para explicitar sua proposta, Stoller divide o livro em três partes, sendo que o corpo ou a corporalidade aparece como central em toda a obra. Além disso, o autor traz em cena não apenas a produção de um conhecimento acadêmico, mas formas outras de produzir conhecimento a partir da corporalidade. Durante o livro, essas formas outras de produção do conhecimento aparecem através de exemplos, tais como: as performances de feiticeiros; a interpretação musical; o papel do cinema.

Na primeira parte da obra, intitulada “Práticas Corporais” (*Embodied Practices*), Stoller demonstra como que práticas corporais podem ser constitutivas de conhecimentos locais. No capítulo “O corpo do feiticeiro” (*The Sorcerer’s Body*), o autor problematiza o conhecimento produzido em contextos de feitiçaria, os quais enfatizam metáforas de degustação. Segundo o autor, para muitos povos africanos conhecer não se reduz a “ler” e “escrever”, mas sim em processos de degustação: “Os seres humanos comem e são comidos. As pessoas são transformadas pelos seus processos internos de digestão” (STOLLER, 1997, p. 6). A própria alteridade é construída a partir dessas relações de degustação, uma vez que as relações sociais estão permeadas por práticas de “comer e serem comidos” (*eat and are eaten*). Ao mesmo tempo em que é possível consumir a alteridade, pode-se ser consumido por ela.

Para demonstrar como essas relações também afetam o pesquisador em campo, e, conseqüentemente, sua pesquisa, Stoller expõe sua experiência de campo e as conseqüências do fato de ele ter aceitado comer *kusu*, um alimento (*cake*) de poder. O fato de ter consumido *kusu* acabou tendo conseqüências práticas para sua pesquisa, vez que após tal ocasião Stoller passou a desenvolver uma série de doenças e moléstias que o obrigam a deixar o campo por um tempo. Os nativos sugeriam uma relação direta entre a ingestão de *kusu* e o seu estado de enfermidade. As explicações que vieram após o ocorrido é que Stoller estaria enfeitado, que ele provavelmente estaria sendo consumido pela alteridade que havia lhe oferecido o *kusu*.

De acordo com Stoller, o fato de ele ter comido *kusu* foi fundamental para que estabelecesse relações com a rede de feiticeiros, e, por conseguinte, para desenvolver sua própria pesquisa. Ressalta-se que a pesquisa foi desenvolvida não apenas em termos teóricos (simbólicos, representacionais etc.), mas também em termos eminentemente práticos, vez que a presença física do pesquisador em campo era de extrema importância para que pudesse acessar o mundo dos seus nativos. Não bastou interrogar os nativos para conhecer sobre o que era feitiçaria; ao contrário, foi preciso o envolvimento através da ingestão de *kusu* para que o mundo da feitiçaria lhe fosse revelado. Neste interim, Stoller argumenta acerca da importância do corpo do pesquisador nas pesquisas etnográficas.

Em outra perspectiva, mas dando continuidade ao argumento quanto a importância do corpo do pesquisador, no capítulo “A linguagem Griot” (*The Griot’s Tongue*), o autor demonstra a relação entre performance corporal, aprendizado e história. De acordo com Stoller, assim como os feiticeiros possuem sua especificidade social entre em Songhay, noroeste da África, também há a figura dos Griots: pessoas que são preparadas para “contar a vida social”. Os Griots são como que “depositários da cultura” e “mestres das palavras”, sendo eles os responsáveis pela performance da história do povo em diferentes ocasiões, principalmente cerimônias. Importante ressaltar que a história aqui é experimentada e vivenciada através da oralidade dos Griots, mas principalmente de performances corporais. Eles diferem totalmente do modo como produzimos e comunicamos nossa história e nossa cultura, ambas muito dependentes da escrita.

A partir da experiência dos Griots não apenas na transformação, mas na própria produção de um conhecimento histórico, Stoller formula questionamentos quanto ao papel da produção do conhecimento acadêmico. Qual as consequências da redução à termo escrito da cultura do outro quando este próprio outro não reduz sua cultura em termos escritos? Ou ainda, como registrar o fato de que em cada invocação de sua história, o outro o faz de forma performática e inovadora acrescentando ou ocultando performances a partir de cada contexto em que é chamado a se pronunciar? Qual a relação entre autor, autoria e texto (no caso, Griot, performance e história), quando se pensa que as condições tanto da performance quanto da escrita se dão dentro de um determinado contexto social e, em certo sentido, todos são coautores daquilo que

se produz? A partir dessas questões, Stoller consegue recolocar os principais problemas levantados pelos autores pós-modernos, principalmente quanto às limitações da escrita etnográfica.

Após evidenciar a centralidade do corpo na produção do conhecimento, Stoller busca desenvolver na segunda parte da obra a relação entre “Corpo e Memória” (*Body and Memory*), demonstrando que a história não apenas está inscrita, mas é também incorporada pelos nativos. Para demonstrar a incorporação da história, no capítulo três, intitulado “Incorporando memórias coloniais” (*Embodying Colonial Memories*), o autor argumenta que “a possessão espiritual entre os povos de Songhay é um teatro de incorporação da memória cultural no qual temas fundamentais da existência são apresentados e representados através do odor, do som, do movimento” (STOLLER, 1997, p. 47). Para tanto, Stoller descreve uma cerimônia de possessão espiritual na qual o corpo de um médium africano teria sido possuído por uma deidade europeia. Considerando a possessão como um fenômeno, Stoller consegue traçar a partir dessa experiência a relação entre a história colonial de Songhay e as cerimônias hodiernas que se conjugam a partir das corporalidades (e das performances) dos médiuns.

Stoller critica as análises de possessões espirituais feitas pela antropologia geralmente são realizadas em pelo menos cinco formas: funcionalista, psicológicas, fisiológicas, simbólicas e teatrais. Porém, para o autor, deve-se considerar a centralidade da corporalidade nas possessões, considerar a relação entre práticas corporais e a memória cultural do povo e, além disso, os poderes políticos que perpassam essas incorporações. Em relação ao corpo, o autor afirma que é ele o maior repositório das memórias culturais.

E em relação às memórias, além da memória pessoal e da cognitiva, é necessário considerar a memória enquanto habitus socialmente compartilhado, pois é ele que possibilita o desenvolvimento de determinadas performances. Stoller compreende os rituais de possessão enquanto um ritual que é tanto performativo quanto formal, sendo que ambos os fatores são mnemônicos, ou seja, auxiliam no resgate e atualização da memória. E neste sentido, a possessão se torna a própria história incorporada, representada e vivida nos próprios corpos.

Buscando compreender como que através do corpo se resgata um passado, atualiza-se um presente e se projeta um futuro, Stoller desenvolve o capítulo quatro sob o título “*Consciente não é ser consciência*” (“*Conscious ain't consciousness*”). Neste capítulo o autor, a partir da história da cantora negra Ursa (personagem do romance de Gayl Jones) demonstra que, assim como na possessão, ao cantar, Ursa consegue através do seu corpo incorporar a história das mulheres negras.

A partir deste capítulo, Stoller introduz, outra abordagem na discussão quanto à dimensão das sensações. Ele passa a discutir o papel do cinema (e também do teatro) como forma de abordagem antropológica, de representação do outro, e também de provocação quanto aos nossos preconceitos. Compreender as sensibilidades que perpassam as imagens do cinema, as reações incorporadas por quem assiste um filme e as memórias culturais que ali são reveladas também se revelam como produtoras de conhecimento. Para demonstrar o argumento quanto a importância do papel do cinema e sua relação com o conhecimento, Stoller discute minuciosamente alguns dos filmes sobre os povos africanos, produzidos pelo cineasta francês Jean Rouch (1917-2004).

Abordado tanto nesse capítulo quatro quanto no capítulo seis, o qual recebe o título “*Artaud, Rouch e o Cinema da Crueldade*” (*Artaud, Rouch, and the Cinema of Cruelty*), Paul Stoller demonstra como que “o cinema é capaz de projetar imagens universais que são choques sinestésicos para os sentidos”, evidenciando a apreensão da realidade a partir de diferentes sentidos. Em última instância, Stoller argumenta que “o poder inteligível do texto tem sido eclipsado pelo poder sensível da imagem” (STOLLER, 1997, p. 77-78).

É a partir desta análise do papel do cinema que Stoller consegue retomar sua crítica àqueles que compreendem o corpo como texto, feita no início do livro. Para o autor, o corpo não é meramente um texto, mas é, por outro lado, um espaço atravessado por um mundo de cheiros, visões, sons e gostos. A questão que se coloca para a antropologia a partir desta perspectiva é: como se torna possível considerar a dimensão da sensibilidade (a do outro e a do pesquisador) que atravessa as pesquisas etnográficas, sem diminuir essas sensibilidades à um conjunto de dados (mais especificamente, de dados escritos)?

No capítulo seis, Stoller aprofunda a discussão sobre o “o cinema da crueldade”. Esta parte da obra pode ser lida como uma possibilidade de se abordar a

dimensão das sensações como constitutiva de um conhecimento sem que tais sensações sejam reduzidas ao textual. Neste derradeiro capítulo, Stoller debate as propostas de Antonin Artaud sobre o teatro e o cinema, os quais passam a ser não como mera possibilidade de “expressar” um mundo, mas sim de “ser” nesse mundo.

O teatro da crueldade se torna uma solução para a asfixia social e uma forma das pessoas reunirem suas forças vitais (STOLLER, 1997, p. 123). Para demonstrar esta possibilidade, o autor resgata uma séria de filmes produzidos pelo cineasta e etnólogo francês Jean Rouch. Discutindo filmes como “*Jaguar*” e “*Moi, un noir*”, Stoller problematiza a partir do cinema questões epistemológicas. A partir da abordagem de diversos temas, como racismo, gênero e preconceitos, o autor afirma que, através do cinema, “[Jean] Rouch usou acrobacias epistemológicas ‘do cruel’ para aproximar o sensível e o inteligível”.

Retomando a temática do capítulo cinco, o qual é intitulado “Espaços, lugares e campos” (*Spaces, Places, and Fields*), Stoller discute as relações entre imigrantes africanos (de diferentes países) que passam a ocupar uma região em Harlem, bairro de NY. Abordando questões políticas, culturais e históricas que se são travadas entre a administração pública de NY e os imigrantes que formam um comércio local ao céu aberto, o autor consegue pôr em evidência as múltiplas ideologias que podem coexistir em um local transnacional. A partir do mercado que esses imigrantes formam e dessas relações, Stoller ressalta temas quanto à história dos imigrantes, aos seus corpos que incorporam essa história e as formas de ocupar um local. Local este que não está dado, mas é construído e reconstruído a partir dos corpos que o habitam e das disputas políticas que ali são travadas.

Por fim, resta considerar que a obra *Sensuous Scholarship* possui uma contribuição fenomenal para as ciências humanas, seja pela variedade de temas que são abordados, pela variedade de campos pesquisados, e, principalmente, por trazer a dimensão das sensibilidades (sensações) como parte constituinte do conhecimento. Sem querer esgotar as questões levantadas por cada tema que cada um dos seis capítulos apresenta, Stoller consegue retrair a importância da corporalidade como fundamental para as pesquisas acadêmicas e, com isso, consegue superar a dualidade entre inteligibilidade versus sensibilidade, de forma não apenas retórica, mas mostrando as vantagens que tal superação pode ter na prática das pesquisas.